

# Notícias de uma fazenda de café: a Fazenda Lordelo e a Marquesa de Paraná

Ana Pessoa\*

Recebido em: 02/07/2020  
Aprovado em: 26/11/2020

## Resumo

O artigo comenta a trajetória da primeira proprietária da Fazenda Lordelo, a austera Maria Henriqueta Carneiro Leão (1809-1887), a marquesa de Paraná, sua família, casas e correspondência, para melhor compreender um exemplar peculiar de moradia da elite cafeeira. Ao enviuvar de uma das personalidades mais influentes do império, o marquês de Paraná, ela retirou-se para a fazenda, que administraria de 1857 até falecer, em 1887, às vésperas da abolição da escravatura. Seu cotidiano está registado em sua correspondência, que abrange o período de 1871 a 1887, e integra a coleção Leão Teixeira Filho, depositada no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

## Palavras-chave

Fazenda Lordelo; marquesa do Paraná; ciclo do café fluminense; família Carneiro Leão; Brasil Imperial

## Abstract

The article comments on the trajectory of the first owner of the Fazenda Lordelo, the austere Maria Henriqueta Carneiro Leão (1809–1887), the Marchioness of Paraná, her family, homes and correspondence, to better understand a peculiar example of house of the coffee elite. When widowed by one of the most influential personalities in the Empire of Brazil, the Marquis of Paraná, she retired to the farm, which she would manage from 1857 until she died, in 1887, on the eve of the Brazilian abolition of slavery. Her daily life is recorded in her correspondence, which covers the period from 1871 to 1887, and is part of the Leão Teixeira Filho collection, stored at the Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

## Keywords

Fazenda Lordelo; Marchioness of Paraná; Rio coffee cycle; Carneiro Leão Family; Empire of Brazil.

---

\*Arquiteta, doutora em Comunicação e Cultura, pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa, onde dirigiu o Centro de Memória e Informação de 2003 a 2015, e coordenadora da seção brasileira do projeto A casa senhorial em Portugal, Brasil e Goa: anatomia dos interiores. Co-organizadora, de 2006 a 2019, de uma dezena de edições sobre series de anais de seminários sobre museus-casas, jardins históricos e casas senhorias, e autora de Carmen Santos e o cinema dos anos 20 (Aeroplano, 2002) e Cartas do sobrado (FCRB, 2008). Email: anapessoa55@gmail.com.

**E**ste artigo aborda a trajetória de Maria Henriqueta Carneiro Leão (1809-1887), primeira proprietária da Fazenda Lordelo, e se inscreve nos estudos desenvolvidos sobre a casa rural de elite no Vale do Paraíba fluminense para o projeto *A casa senhorial em Portugal, Brasil e Goa: anatomia de interiores*.<sup>1</sup> De modo geral, o projeto traça uma breve biografia dos proprietários dos edifícios estudados para melhor compreender sucessões de propriedade e eventuais intervenções. A fazenda Lordelo, porém, motivou uma pesquisa mais aprofundada por conta da intrigante situação de sua vistosa decoração exterior não se coadunar com o partido de construção da casa, erguida por volta de 1850.

Como consequência, estabeleceu-se estudo de posse de seus primeiros proprietários, os marqueses e os barões de Paraná, na expectativa de que as suas trajetórias biográficas, gostos e hábitos, com o apoio de documentação complementar, permitissem melhor conhecer as alterações de uso, significado e, por consequência, tratamento decorativo imprimido na casa. São duas gerações que se sucedem no contexto da inserção das elites nos hábitos de consumo em circulação entre a Europa e o Brasil, impulsionadas pela economia cafeeira, e que assistem, segundo a lógica cultural da modernidade apontada por Colin Campbell, à crescente tensão entre “o sonho e a realidade, o prazer e a utilidade”.<sup>2</sup> Os marqueses de Paraná – construtores e donos de 1836 a 1887 – são tratados no presente artigo, e os barões de Paraná, donos de 1888 a 1936, tratados no artigo de Ana Lúcia Vieira dos Santos, “Entre palmeiras e pincéis: Zeferina Carneiro Leão e a fazenda Lordello”, presente também neste dossiê dos *Anais MHN*.

A Fazenda Lordelo, situada às margens do rio Paraíba do Sul, no município de Sapucaia, foi uma das mais destacadas produtoras de café da região. Implantada em 1836 por Honório Hermeto Carneiro Leão (1801-1857), magistrado e político, e por sua esposa, Maria Henriqueta (1809-1887), a fazenda seria paulatinamente expandida nos anos seguintes, chegando a compreender área de mais de duas sesmarias de meia légua em quadra, ou seja, 500 alqueires geométricos de terra.<sup>3</sup> Do período de propriedade dos marqueses, sabe-se que, com a morte precoce do marido, em 1857, deixando a casa inacabada, caberia à esposa a conclusão e ocupação regular da moradia, para onde se transferiu, ficando à frente da administração da fazenda por cerca de trinta anos, com invulgar competência. Segundo Afonso de Taunay, foi uma “senhora de extraordinária

energia e capacidade administrativa (...) que deixou notável exemplo de operosidade conjugada à inteligência”, o que pode ser comprovante no valor deixado de herança, “o triplo do monte mor de seu ilustre cônjuge”.<sup>4</sup>

Desse modo, este artigo busca reconstituir os traços biográficos e gostos da marquesa de Paraná, examinando sua vida familiar, em especial seu companheirismo com o marido, um importante político do império, suas moradias e a coleção documental disponível sobre ela.

Nessa pesquisa, foi detectada uma inusitada documentação sobre Maria Henriqueta na Coleção Leão Teixeira Filho, recolhida por orientação do bisneto Henrique Carneiro Leão Teixeira Filho ao IHGB, que reúne documentos do marques do Paraná; do barão do Paraná; do visconde do Cruzeiro, Jeronimo Jose Teixeira Filho; além de sua própria produção intelectual. Os documentos sobre a marquesa são, portanto, resultado de interseções desses conjuntos e somam com cerca de 134 documentos, bem como uma nota biográfica<sup>5</sup> e uma extensa coleção de cartas de sua correspondência ativa e passiva.<sup>6</sup> O instituto foi também depositário dos quadros a óleo dos marqueses, pintados por Emile Bauch.



Figura 1. Maria Henriqueta, marquesa do Paraná.

### Trajetória

Maria Henriqueta nasceu no Tijuco, atual Diamantina, em 1º de maio de 1809. Centro de mineração de ouro e diamantes situado ao norte da capitania de Minas Gerais, o arraial do Tijuco reunia a maior população urbana da comarca, com cerca de 6.000 habitantes no início do século XIX. Com ruas desiguais que se estendiam no declive de uma montanha, possuía casas bem-feitas e bem conservadas, em cujos quintais abundavam frutas e plantas, assim como um comércio bem suprido de mercadorias de fábricas inglesas e produtos de consumos trazidos da Bahia e do Rio de Janeiro, segundo observou o mineralogista inglês John Mawe (1764–1829) em suas memórias de visita à

região naquele ano de 1809.<sup>7</sup>

Maria Henriqueta e sua irmã Ana Maria (1811-1870) foram as duas filhas de João Netto Carneiro Leme (1775-1842) de seu casamento com Maria da Fonseca Pires, e descendente de uma extensa família de Paracatu, formada pelo português Antônio Netto Carneiro, envolvido em mineração, e pela goiana Ana Maria Leme.<sup>8</sup> João Netto era um ativo homem de negócios que transacionava escravizados e diamantes entre as províncias de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Na Corte, ele se tornou um conceituado empresário, à frente de estabelecimentos fabril e de beneficiamento de arroz, onde atuou até 1831, quando se transferiu para Barbacena, já viúvo. As jovens foram criadas no Tijuco até a idade do casamento. Aos quinze anos, em 1825, Maria Henriqueta seguiu para a Corte, onde se uniria, em 20 de maio de 1826, com o primo Honório Hermeto Carneiro Leão, oito anos mais velho.<sup>9</sup> Sua irmã Ana Maria se casaria com Jeronimo Jose Teixeira, comerciante português, radicado na Corte, possivelmente vinculado aos negócios do sogro.<sup>10</sup>

Honório Hermeto Carneiro Leão nasceu no dia 11 de janeiro de 1801 na freguesia de São Carlos do Jacuí, em Minas Gerais. Era filho de Antônio Neto Carneiro Leão, oficial militar, com Joana Severina Augusta de Lemos, e sobrinho de João Netto Carneiro. Em 1820, ele seguiu para estudar Direito na Universidade de Coimbra, onde, além de bom aluno, estabeleceu laços de amizade com jovens brasileiros aos quais se aliaria no futuro, como Paulino José Soares de Sousa (o futuro visconde do Uruguai) e Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho (mais tarde visconde de Sepetiba). Concluído o bacharelato em Direito, em 1824, e um mestrado, em 1825, ele voltou para o Brasil em busca de posição.

O casamento com a prima, em 1826, lhe proporcionou um expressivo dote assim como uma esposa cúmplice e companheira, a quem ele tratava carinhosamente como “minha querida prima e esposa”, e que o apoiaria em sua carreira profissional e política. Recém-casados, o casal seguiu para São Paulo, onde ele assumiu o cargo de juiz de fora, tendo jurisdição sobre três vilarejos na província. Sobre os recursos que dispunham, diria Honório:

O dote que recebi não preciso declará-lo, pois que não devo contas a ninguém; basta que diga que me apresentei na Vila de S. Sebastião como juiz de fora, levando comigo oito escravos de minha propriedade (apoiados), uma mobília rica para o país e uma baixela de prata, tanto para serviço de chá, como de mesa; além disso, tinha deixado alguns vinténs em poder de meu sogro, que os pôs em rendimento.<sup>11</sup>

A carreira de Honório na magistratura foi paulatina, com a promoção, em 1818, a auditor da Marinha, na Corte, seguida, dez anos depois, em 1828, por indicação de D. Pedro I, ao cargo de ouvidor e, no ano seguinte, para o de desembargador, cargo que manteve até se aposentar, em 1848. Em 1829, ele havia iniciado a sua carreira política, candidatando-se para a Câmara dos Deputados como representante de Minas Gerais, tendo sido eleito para o período de 1830 a 1834, como membro do Partido Liberal. Em 1832, no ano seguinte à abdicação e partida de D. Pedro I, Honório foi nomeado ministro da Justiça.<sup>12</sup> Reelegeu-se deputado na eleição seguinte e, durante o mandato, uniu-se a Bernardo Pereira de Vasconcelos para criar o denominado Partido Regressista, futuro Partido Conservador. Entre as alternâncias de poder, Honório ocupou diferentes cargos, como membro do Conselho de Estado, presidente da Província do Rio de Janeiro, em 1841, quando a família ocupou o Palácio do Governo, em Niterói, e o da Província de Pernambuco, onde se instalou sozinho. Em 1842, Honório participou pessoalmente da repressão aos liberais insurretos. Em 1853, ele esteve à frente do governo, no chamado “Gabinete da Conciliação”, que o tornou um dos homens mais poderosos do país. Ele ocupava essa posição quando faleceu, em 3 de setembro de 1856. Pouco antes, ele havia recebido o título de visconde do Paraná (com grandeza) em 1852, pela condução de acordo de fronteira com o Uruguai, e, em 1854, o de marquês.<sup>13</sup>

Maria Henriqueta e Honório tiveram cinco filhos e mantiveram um relacionamento companheiro e apaixonado, como se observa nas cartas enviadas pelo marido à esposa.<sup>14</sup> Além da cumplicidade, tanto nos assuntos pessoais como políticos, elas tratam do gosto comum pela jardinagem e da atenção aos filhos. A correspondência resultou das ausências de Honório para desempenhar missões em Pernambuco, onde foi governador, e em Montevidéu, onde atuou como ministro plenipotenciário. Em 7 de dezembro de 1849, saudoso, ele escreveu de Recife:

Minha querida Prima,

Tenho estes dias sofrido bastante de um antraz em cima do ombro direito, não tão grande como o que aí tive, mas não muito menor incômodo. O Herculano e o Guilherme me têm feito companhia, a primeira parte amanhã no *Affonso*, o segundo ainda aqui fica.

Pelo comandante do *Affonso*, o capitão de fragata Lamego, te envio um panacum<sup>15</sup> com abacaxis, uvas e sapotis, e um outro com sapoti. Esta lata me mandou a Thomazia com roscas; deves pois restituí-la com algumas das frutas leva (sic). Uma gaiola com um casal de gatos malteses, uma craúna que canta muito, três pavões do Pará, e um jacumim – o Herculano deu-me um bonito macaquinho que vai para o Pedrinho. Cada vez me vai custando mais o sacrifício que fiz em ausentar-me de ti, e me vai faltando paciência para suportar este Norte. Deus abrevie minha estada aqui, e me restitua aos teus braços, para não mais nos separarmos.

Teu primo

H. H. Carneiro Leão<sup>16</sup>

As roseiras, paixão comum, serão tema de outra correspondência, desta vez enviada de Montevidéu, a 16 de novembro de 1851.

Alegro-me muito que te divirtas com as suas flores, e converse com elas, e já que estou impossibilitado de te acompanhar ao jardim quero ao menos daqui concorrer para seu ao aformoseamento e enriquecimento. Remeto trinta vasos em que gastei cerca de 100\$. Vão várias roseiras: algumas ainda que tenham nomes diversos parece as mesmas que ai se chama príncipe alberto e imperial; outras porém suas diversas e não me recordo de as ver aí. A principal, uma branca com manchas rosas, e cheirosa. Vão dois pés de gerânios, e vários craveiros amarelos, bandeira espanhola, isto é encarnado e amarelo; outras amarelos e carmesins, brancos, ofertados do (...). Recomendei ao comandante do vapor *Bahiana* que em chegando à Corte alugue uma falúa para levar essas plantas ao Botafogo, afim de que não se desarranjem no carro para nossa casa, e não sejam dizimadas.

No próximo vapor de guerra que vier manda-me três centos de laranjas de todas as qualidades e das melhores que houverem, e algumas limas-da-pérsia e limões. As laranjas devem vir embrulhadas em papel e postas em panacuns, e estes cobertos, como eu mandava em Pernambuco. (...)

Devo advertir que as rosas são enxertadas, e os enxertos estão feitos muito acima do vaso, tendo por isso um cavado de mais de dois palmos. Como já deram flor, será bom, logo que cheguem a fazer novos enxertos para se não perderem. (...).<sup>17</sup>

Honório estava em Montevidéu quando morreu o pequeno Pedro (1843–1852), vítima de uma epidemia de sarampo. Em 20 de janeiro de 1852, ele escreveu à esposa, “minha querida e amargurada prima”, sobre os sentimentos que dominam o casal, e sua preocupação com a saúde da esposa, profundamente desalentada com a perda.

No meio de tantos sentimentos que me atormentam, um predomina a todos, e é a inquietação e cuidado da tua pessoa. Sei o amor que tens a nossos filhos e receio que os desvelos, e os afãs que empregastes na doença de nossos filhos, junto à dor da perda irreparável que tivemos do nosso sempre saudoso Pedrinho, venha a alterar a tua saúde; e pois pondo de parte todo outro sentimento, preocupado desta

ideia que me mortifica, te suplico que não desespere da providência divina que irias sondar os teus altos desígnios, e esperando que esse querido filho esteja como a religião ensina no seio da bem-aventurança, te resignes aos decretos eternos, e imperscrutáveis de Deus, e espero que nossas almas se reunirão um dia à de nossos filhos, a quem a Providência aprouve libertar primeiro que a nós dos trabalhos, dos golpes e perigos desta vida. Não nos é dado abreviá-la; e, portanto, pago o tributo de tuas lágrimas de eterna saudade, pelo filho que perdemos, procurar a consolação na religião, e fortificada com ela, e com o amor e desvelo que são devidos aos outros nossos filhos, que ainda precisam de nosso auxílio, cuidados e conselhos, trata de ganhar resignação, e coragem, lembrando também de teu querido primo, para cuja existência és indispensável.

Minha boa Prima, o golpe que sofremos me apanhou inteiramente desprevenido; foi um raio que me feriu (...) suplicando-lhe que ao menos não amargure de novo minha triste existência, privando dos que me restam, e de minha boa, eterna Prima, que espero, se haja de consolar por amor de mim, porque estou certo devo ter a consciência de que a minha existência seria insuportável, se tivesse o infortúnio de a perder, ou mesmo a desgraça de a ver acabrunhada, e sem consolação.<sup>18</sup>

Em 1854, quando questionado sobre seu rápido enriquecimento, ele discursa no senado sobre a sua trajetória profissional e econômica, onde pontua, ainda que indiretamente, o apoio de Maria Henriqueta.<sup>19</sup> Ele atribui o seu sucesso à “ordem e a economia” de sua casa, à “modéstia e simplicidade de traje” de sua família, e ao fato de nunca ter usado dinheiro emprestado para “comer, vestir, ou despender em funções ou objetos de luxo”,<sup>20</sup> destacando que:

Minha mulher tem com pouca diferença as joias que possuía quando se casou, e será porque eu lhe tenho coarctado os meios? Não, senhores: isto é, por sua própria inspiração, é porque ela mesmo resiste a toda a despesa de luxo, porque foi educada com o trabalho, parcimônia e economia, por isso que tem amor a seus filhos e deseja deixar-lhe uma fortuna.<sup>21</sup>

## **Propriedades**

A aquisição de suas duas principais propriedades, a fazenda Lordello, em 1836, e a chácara de Botafogo, em 1847, foram inerentes não só à ascensão econômica como à inserção social dos Carneiro Leão em meio à consolidação da projeção política de Honório. A fazenda os inseriu na seleta classe dos “senhores de terras e escravizados” que cultivava o café,<sup>22</sup> que se tornaria o principal produto de exportação brasileiro e um dos pilares da econômica imperial. Por sua vez, a chácara os instalou em uma área de expansão elegante da cidade do Rio de Janeiro, em meio à nova aristocracia urbana, que assistiria a uma

gradativa valorização e conseqüente retalhamento dos terrenos da zona sul da cidade. Eles constaram também do seletivo grupo de primeiros foreiros de Petrópolis.<sup>23</sup>

A constituição de uma “fazenda de cultura de café”, diria Honório, em discurso pronunciado na Câmara, em 1854, era um antigo desejo que conseguiu realizar quando, em 1836, comprou “terras quase incultas” e, por isso, e por ser o lugar pouco frequentado, por preço módico, como consta da respectiva escritura pública, às quais ele anexaria terras compradas posteriormente.<sup>24</sup> As terras eram situadas à margem do rio Paraíba do Sul, em Sapucaia (na época parte integrante dos municípios de Magé e de Paraíba do Sul), região que nessa ocasião seria valorizada pela construção em andamento da estrada Magé-Sapucaia, e de ponte sobre o rio Paraíba do Sul, entre Sapucaia e Mar de Espanha, nas margens mineiras.<sup>25</sup>



Figura2. A Fazenda Lordelo na Carta Chorographica da Província do Rio de Janeiro 1858-1861. Acervo: Fundação Biblioteca Nacional.

Para os serviços da fazenda, ele teria contado com 26 africanos, “que eu e minha mulher obtivemos e, em segundo lugar, a minha economia, pois reduzi o mais possível as minhas despesas e enviei para a fazenda todos os escravos que podia dispensar do meu serviço doméstico”.<sup>26</sup>

A propriedade, quando do inventário do marquês, contava com 190 escravizados e uma plantação de 290.000 pés de café, casa nobre de pedra e cal, “com 144 palmos de frente, e 165 de fundos, sobrado na frente, e ainda por acabar (...)”<sup>27</sup>, e demais construções para os serviços, como tulha, senzala, etc.; no total, foi estimada em 30.000\$000.<sup>28</sup> Sede do poder do senhor sobre a comunidade de empregados, agregados e escravizados que formavam a complexa rede de habitantes da propriedade, a moradia tinha também a função



de espaço de sociabilização e representação dos proprietários junto à vizinhança, ainda que, como no caso de Honório, sua presença mais efetiva fosse na Corte.



Figura 2. A casa da Fazenda Lordelo, com a ornamentação aplicada pelos herdeiros da marquesa. Foto: Ana Lucia Vieira Santos.

A casa, com linhas horizontais e planta retangular, foi instalada segundo a orientação usual de casa assentada em uma elevação.<sup>29</sup> Apoiada em um declive, é acessada por escadas em patamar; ela tem um sobrado na frente, como um frontispício do edifício assobradado, com acesso por uma varanda com arcadas situada no pavimento inferior, enquanto o pavimento nobre distribui-se por galerias envidraçadas que servem para circulação e estar, à volta de um pátio com jardim e repuxo, que trazem a natureza para o interior da casa.

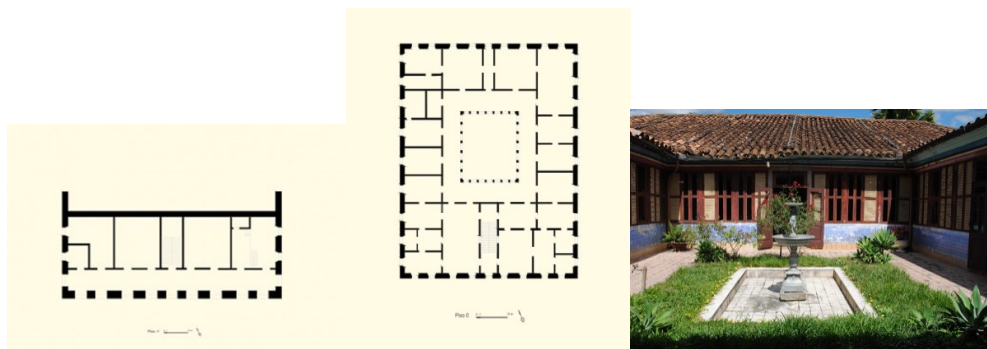


Figura 4. Plantas térreo e andar nobre, e pátio interno. Fonte: [www.acasasenhorial.org](http://www.acasasenhorial.org).

Uma grande sala de visitas, gabinetes e capela ocupam a frente; as alas laterais abrigam os quartos. Na parte posterior, encontram-se a sala de jantar, copa e cozinha e a sala de música. Cercada por jardins, a construção domina a paisagem e permite a observação das áreas e edificações de serviço instaladas abaixo.<sup>30</sup>

Com todos os recursos empregados na fazenda, eles só efetuariam a compra de uma moradia na Corte em 1847, depois de quase vinte anos na cidade.<sup>31</sup> Naquele ano, já com os rendimentos do café, eles adquiriram terrenos no Flamengo, conforme comenta Carneiro Leão: “comprei a meação de uma herança, e dela a chácara que hoje possuo; precisei para essa compra de 25:000\$, porque, além da meação, comprei a quota de um dos herdeiros”.<sup>32</sup>



Figura 5. *Vista do Flamengo*, fragmento “Rio de Janeiro, Catete e Entrada da Barra”, de Alfred Martinet, Eugene Cicéri, c. 1852. Fonte: [Brasiliiana Iconografica/IMS](http://Brasiliiana Iconografica/IMS).

O novo endereço, Caminho Novo nº5, ficava a pouco metros da residência do amigo Miguel Calmon de Pin e Almeida (1796-1865), no extremo da rua voltada para a praia, que havia sido comprada em 1842, quando ele foi nomeado visconde de Abrantes. Antiga propriedade de um cortesão joanino, tinha pertencido a D. Pedro I e foi vendida por seu espólio a Pin de Almeida, que o tornou um prestigiado ponto de encontro da elite política e econômica, reunida em comentados saraus. A beleza dos jardins vizinhos, o dos Carneiro Leão e dos viscondes de Abrantes, seriam indicados pelo jornalista francês Charles Explilly como marcas distintivas da nova elegância da região.<sup>33</sup>

A chácara, além do jardim, compreendia também horta, pomar, capim e telheiro, e um sobrado situado à frente da rua, no meio do terreno. A casa era ampla e confortável, mas sem ostentação, com seis janelas sobre a rua, e duas largas portas no térreo, utilizadas para entrada de veículos. Tinha os serviços no primeiro piso,<sup>34</sup> e as áreas social e íntima no segundo: “sala de espera, salão de visita e sala de jantar, escritório, sala de costura, quatro quartos, salas de engomar e serviços, e cozinha”.<sup>35</sup> Havia também um espaçoso sótão nos fundos, com dois quartos e um saguão. O mobiliário era formado por móveis de jacarandá e mogno, e havia ainda prataria, livros, cristais e várias baixelas de louça da França, carruagens e bestas. A partir de década de 1870, a rua, já denominada R. Marques de Abrantes, começou a ter a suas antigas chácaras retalhadas. Em 1874, foi anunciado leilão de uma “primorosa partida de terrenos, resultado do parcelamento de chácara fronteira “ao palacete da marquesa de Paraná”.<sup>36</sup> Nessa ocasião, a marquesa desmembraria a sua chácara, para a abertura da travessa Marques do Paraná, que seria desenvolvida em passagem entre as ruas Marques de Abrantes e Senador Vergueiro, e para a construção de casario.<sup>37</sup>

A casa seria o cenário da consagração da família Carneiro Leão, onde recebiam personalidades do império e se realizavam muitas festas, como as de casamento das filhas e o batizado do filho caçula. O casal conduziu as alianças matrimoniais de seus filhos<sup>38</sup> no sentido da consolidação das redes de sociabilidade e parentesco ajustadas ao seu projeto social,<sup>39</sup> com os novos casais com propriedades nas redondezas da chácara do Caminho Novo.<sup>40</sup> A primogênita Maria Emília (1827-1899) casou-se em 1845 com Constantino Pereira de Barros (1821-1896), de família proprietária de terras em Niterói e no Flamengo,<sup>41</sup> e juntos seriam os futuros barões de São João de Icaraí e pais de Maria Januária Pereira de Barros (1846-1936) e Honório Hermeto Carneiro Leão de Barros. Depois de ruidosos conflitos, o casal acabaria por se separar, e Maria Emília se mudaria para a França, onde faleceu.

Honório Hermeto Carneiro Leão Filho (1832-1873), que seguiu uma discreta carreira política em Minas Gerais, casou-se com Maria Cândida (1847-1885), e o casal instalou-se em um sobrado na Praia de Botafogo, nº 16.<sup>42</sup> A esposa era da família Rodrigues Torres, filha do proprietário de terras e negociante Cândido Rodrigues Torres, barão de Itambi, e sobrinha do influente político visconde de Itaboraí, Joaquim José

Rodrigues Torres, também morador no Caminho Novo. Honório morreu prematuramente, vítima de febre amarela, em 1873, e não deixou descendência.

Maria Henriqueta Carneiro Leão (1834-1913) casou-se em 1853 com o primo Jerônimo José Teixeira Junior (1830–1892),<sup>43</sup> um advogado e político que foi ministro da Agricultura e dos Transportes e senador do império, quando, então, recebeu o título de visconde do Cruzeiro. Eles foram os pais de Pedro José Netto Teixeira (1858-1878?), Henrique Carneiro Leão Teixeira (1869-1938), Maria da Gloria, Ana Maria e Maria Henriqueta. Eles possuíam vários terrenos no Caminho Novo.<sup>44</sup>

Por fim, o caçula Henrique Hermeto Carneiro Leão (1847-1916), futuro barão de Paraná, se casaria em 1874 com Zeferina Marcondes (1859-1936), filha de fazendeiros de Sapucaia.<sup>45</sup> O casal ergueria um elegante palacete em parcela desmembrada da chácara<sup>46</sup> e não teve descendência, o que provocaria tensa expectativa na marquesa.

A morte do marquês de Paraná em decorrência de um ataque súbito, em 3 de setembro de 1856, aos 55 anos de idade, no auge de seu prestígio político, provocou grande comoção. Ele teve um funeral solene, com as honras devidas aos importantes cargos que ele ocupou. Seu corpo no velório, em traje de conselheiro e com suas insígnias, foi retratado em aquarela,<sup>47</sup> e seu cortejo fúnebre foi um dos mais concorridos do império. A Santa Casa de Misericórdia, da qual ele era provedor, ofereceu o caixão e um carneiro no Cemitério São João Batista, no bairro de Botafogo.

As diferentes notícias sobre as causas da morte e as desconfianças sobre os procedimentos médicos provocaram grande polêmica na imprensa, exigindo que a marquesa viesse a público pedir o fim das querelas que, “além de intempestivas, tendem a perturbarem a tranquilidade em que devem repousar as cinzas de meu marido, e a aumentar a minha dor e sofrimento”.<sup>48</sup> No mês seguinte, a viúva fez anunciar que iria retirar-se para a sua fazenda, “onde vai residir por algum tempo”, e que agradecia as condolências recebidas.<sup>49</sup>

Mesmo longe da Corte, Maria Henriqueta manteria seus vínculos com irmandades e associações<sup>50</sup> e compareceria aos cumprimentos anuais às Suas Altezas Imperiais. Em 1858, a marquesa seria agraciada com o título de “Dama Honorária de Sua Majestade a Imperatriz”,<sup>51</sup> em reconhecimento aos serviços prestados por ocasião da epidemia de

cólera-morbo, nos anos de 1855 e 1856. Essa honraria a distinguiria pessoalmente para além do prestígio do falecido marido.

Foi provavelmente nesse ano que o alemão Emilio Bauch – que havia realizado um retrato a óleo do marques, em 1856, com farda e condecorações, iniciado pouco antes de seu falecimento<sup>52</sup> – pintou o retrato da marquesa viúva (figura 1), que se tornaria a única imagem conhecida de Maria Henriqueta.<sup>53</sup> A pintura retrata uma bela senhora, em pose retraída, corpo hirto, discretamente trajada de gala, com vestido de renda, de ombros desnudos, ornada com colar de pérolas, brincos e pulseiras, luvas, penas de avestruz no penteado e leque, com destaque para camafeu com o retrato do finado esposo. O olhar tristonho não esconde, contudo, a personalidade obstinada.

Maria Henriqueta morreu em 1<sup>o</sup> de dezembro de 1887 em sua fazenda, a poucos meses da Abolição.<sup>54</sup> Ela já havia preparado seu testamento alguns anos antes, em 20 de outubro de 1882,<sup>55</sup> quando determinou as condições gerais de seu enterro – que fosse simples e que se convidasse apenas irmãs de caridade, e definiu a distribuição de sua terça.

Em seu testamento, ela beneficiou a filha Maria Henriqueta e sua descendência, e duas afilhadas, sendo o neto Henrique Carneiro Leão Teixeira (1869-1936)<sup>56</sup> a exceção masculina em meio aos herdeiros. A ausência da filha Maria Emília e descendência e da nora Zeferina explicitam o esfriamento das relações entre elas e a marquesa.

Dentre os bens arrolados, constaram: apólices provinciais; casas na travessa Marques de Paraná; joias de ouro, brilhantes e pérolas; vestidos; e a casa da R. Marques de Abrantes. Essa casa, com todos os trastes, louças e retratos, foi doada à neta Maria Henriqueta Alencar, com a condição de “nunca vendê-la ou hipotecá-la”<sup>57</sup>. O valor total de seu espólio foi avaliado em 1.876:142\$211.<sup>58</sup>

Maria Henriqueta recomendou, ainda, que a baixela de prata que dera ao filho Henrique fosse, no caso dele falecer sem herdeiros, transferida ao neto Henrique Teixeira. Sem esconder a apreensão pela falta de descendência que perpetuasse o sobrenome da família, ela, ao recomendar que essa peça do seu dote, que a acompanhara por toda a vida, fosse transmitida ao neto, o apontou como o sucessor simbólico dos Carneiro Leão. E seria um outro Henrique,<sup>59</sup> filho deste, que preservaria os documentos da família na coleção Leão Teixeira Filho, cumprindo a expectativa de perpetuação da memória familiar.

## Notícias da fazenda

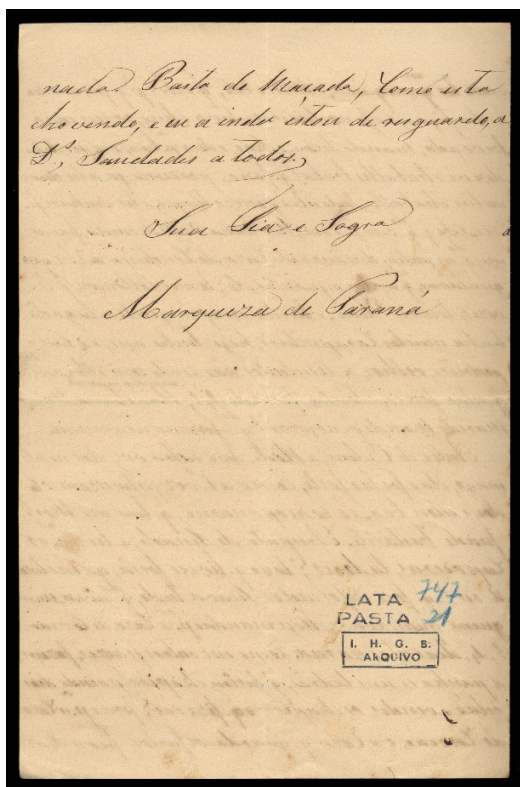


Figura 6. Assinatura da marquesa.  
Fonte: Acervo IHGB, Coleção Leão Teixeira F<sup>o</sup>.

A correspondência, referente à marquesa depositada no IHGB, com exceção daquela remetida pelo marquês,<sup>60</sup> cobre o período de 1871 a 1887, quando do declínio do chamado “Ciclo do Café”. Os correspondentes são, em sua maioria, do círculo familiar mais próximo, envolvendo filhos, genro, nora, netos e bisnetos, mas há também parceiros de negócios e amigos, como o visconde do Bom Retiro.<sup>61</sup> Por meio das cartas pode-se conhecer o cotidiano de sua vida na fazenda, que é o eixo da correspondência da marquesa, para onde chegam e partem as notícias sobre acontecimentos políticos, as fainas cotidianas – as obras dos edifícios, os efeitos do clima e as dificuldades na lida com os escravizados e com a plantação –, os fatos familiares, os problemas

de saúde e seus sentimentos.

A casa da fazenda, na distante Sapucaia, com sua feição despojada, armazéns no térreo e andar nobre com vários e amplos cômodos, foi certamente prevista, segundo a expectativa da família patriarcal, para reunir uma numerosa prole ao redor dos progenitores, um possível lugar de retiro para o casal ao fim da carreira política de Honório. As mortes prematuras do marido e do filho deputado, a dedicação das filhas à vida cosmopolita, e o paulatino afastamento do filho caçula, frustraram essa intenção original. Aos longos dos anos, a casa foi se esvaziando e se transformando na ampla morada solitária da marquesa viúva, compartilhada com as escravas domésticas e eventuais visitas de Henrique e poucos parentes e amigos.

Sob a direção da marquesa, a casa teria adotado o padrão de austeridade dessa geração de cafeicultores, conforme comenta Silva Telles sobre a elite de Vassouras:

A vida doméstica desses homens, porém, mesmo quando era maior o fastígio na vila e nas fazendas, por volta de 1850 e 1870, revestia-se da maior austeridade. O luxo, os móveis mais ricos e mesmo importados, as cortinas adamascadas, existiam somente nas salas e nos salões de receber. Os quartos da família possuíam grande simplicidades: marquesas ou catres; canastras e caixas para guarda-roupas.<sup>62</sup>

Do isolamento doméstico, há o testemunho de uma caixa de rústica *assemblage* formada por “arranjo, emoldurado, de pássaros, caramujos, insetos, plantas, conchas e pedras”,<sup>63</sup> possivelmente construída nas noites solitárias.

Sobre seu estado de espírito, ela escreve ao caçula Henrique, pouco depois da morte do filho Honório:

Mãe que não tem outro contentamento que não os filhos. O lugar que estou melhor é aqui na fazenda, que entretinha melhor com uma coisa outra, me distrai, tenho as minhas ??, tem vez desde muito tempo que deixei de aparecer. As minhas relações estão acabadas, ir a divertimentos há muito deixei só por muito obséquio que faço em ir. Apanhei uma constipação em querer ver a casa de teu irmão. Para ficar com ela fui a Petrópolis. Cheguei tarde...Culpa da víbora da minha nora.<sup>64</sup>

Após uma temporada de Henrique e Zeferina na fazenda, ela comenta, em carta à nora, a saudade do convívio: “(...) fiquei acostumada com você, e o Henrique a vir me fazer companhia. Sinto muita falta, muito. Só passo as noites, não posso ler por muito tempo, a Cocota só também começa a cochilar, de sorte as noites para mim são bem tristes”.<sup>65</sup>

Ela comenta também momentos de alegria e diversões com amigos, em meio a jogos de encenações, com a participação de escravizados, e música ao piano:

O x e a mulher estão aqui e há dois dias estava o Dr. Ruas com o Passos, também temos divertido; esta noite houve representação de vários papéis feito pelos meus escravos e rimos muito. Passamos o dia de ontem divertidos, e à noite fui até às onze horas; assim vamos passando com as nossas festas toscas. À noite jogamos, e toca-se piano.<sup>66</sup>

Hoje tenho várias pessoas em casa, moças e velhos, toca-se e canta-se, joga-se; o piano está muito bom. mandei consertar, ficou bom, a Cocota está cantando, ja canta duas modinhas, a voz ainda é pequena, mas afinada e muito agradável para sala. Há dois dias chove pouco, e não tem sol, tanto que a todos passear na estação no engodo de trazer as pessoas quem dai aprazamento (?) que vão a pé e assim voltam, não tem que mandar condução.<sup>67</sup>

A encomenda de “papéis pintados”<sup>68</sup> é uma exceção de cuidados com a casa. O que ela descreve com real interesse são os jardins, suas flores e frutas:

Tenho muitos pássaros cantadores, muitas parasitas, muitas e muitas, todo jardim tem parasitas. E ontem mandaram-me duas muito bonitas e tem um cheiro muito forte, até na sala tenho um jardim de parasita com pássaros; muitas frutas jabuticabeiras estão carregadas em toda parte, em torno da casa sapotis, uvas.

O doutor Ruas vai ver o Aguiar e ficou entretido lá a comer uvas no pé, pêssegos até na janela do meu quarto; muitos doces, biscoito de toda qualidade, há na veja aqui na roça também podemos fazer a vida agradável (...).<sup>69</sup>

Logo chegou o José, trouxe as rosinhas. Doze pés já estão plantados, e meu jardim, com árvores de todo afora não presta, é mesmo jardim de velho. Chegou o tempo que dei uma vez a meu marido do que eu aborrecer, que queria plantar arvoredo, não plantas pequenas, me disse, que ficariam velhas.<sup>70</sup>

Durante a temporada parisiense, a correspondência entre mãe e filho também se alimenta do interesse da marquesa por plantas. O filho lhe envia como agrado sementes de flores, como beijo-de-frade, e de plantas exóticas, como a cola africana, e de melões brancos. Ele procura interessá-la nas novidades mundanas de Paris, comentando sobre a moda do vestido modelo “ottoman”, e lhe enviando um vestido de um ateliê local, e peças de renda especiais, como uma “feita a mão em Carlsbad, na Áustria”.<sup>71</sup>

Maria Henriqueta procurava manter uma correspondência afetuosamente protocolar com a nora Zeferina, enviando cumprimentos a cada fevereiro, pelo seu aniversário, no dia 10: “Esta recebera no dia de seus anos que muito a felicito, e que viva sempre contente e o meu maior desejo ainda que seja sogra!! Sempre desejei as felicidades de todos, principalmente sendo mulher do meu filho”.<sup>72</sup>

Com o passar do tempo, ela não esconde sua expectativa por um neto, com o envio de cartão de felicitações ilustrado com uma criança: “Hoje é dia dos seus anos; não sei como me passou; agora por acaso me disseram, te felicito e peço a Deus que o futuro ano seja acompanhado de um netinho, como o que vai aqui (...)”.<sup>73</sup> Depois de comentar o tempo chuvoso, ela se despede: “Sua, Sou Sogra ainda que falam delas eu gosto de ser. Marquesa de Paraná”.<sup>74</sup>

Maria Henriqueta se mantém informada, mesmo à distância, acerca das demandas cotidianas da filha Henriqueta. Em carta à filha, ela se queixa das dificuldades dos serviços da fazenda e de seus problemas de saúde, e oferece os serviços de suas escravas para servir à sua família.

Eu talvez não possa ir este ano, o serviço está muito atrasado, pouca gente, ainda estão dois fugidos, estou ficando muito desfalcada de gente, e gastando com eles, perdido muitas costureiras, engomadeira ou com obras, tudo isso preciso estar aqui.



Não tenho de quem me fiar, este ano não colhi café, estou gastando o ganhado. Se queres as meninas, eu mandarei pelo Aureliano; a Portuguesa gosta de serviço de pé, de alguma coisa que tenho ensinado, crochê, a Minta é o mesmo de prendas, esta é para servir a tua filha, até quanto ela queira, a outra o mesmo que tiver 12 anos ganhará alguma coisa.

Você responda-me para quando ele passar por aqui e eu te avisarei para mandar à estação recebê-las; estas raparigas são para servir, e aprender até quando as quiser, quando não quiserem, elas voltarão para aqui.<sup>75</sup>

A marquesa se mantém atenta às mudanças em marcha, como a mecanização do tratamento do café, tendo instalado máquina para ajudar no processamento dos frutos<sup>76</sup>, bem como a introdução de mão de obra livre, tendo recebido um grupo de colonos portugueses.<sup>77</sup> Contudo, ao cunhado Jerônimo, ela não esconde as dificuldades da gestão da fazenda e os problemas que virão com o fim da escravidão:

Recebi a sua carta, e vejo o que me diz; tenho acompanhado a discussão no Senado também, e o leio; pobre daqueles que tem quatro ou cinco escravos, que vive trabalhando com eles, ficarem sem eles, necessidade de vender; a situação para pagar lá, já este ano não houve café, mesmo tudo mais.

Eu tenho já algum português, este homem nada sabe da nossa lavoura; antes de ontem para xx no terreiro, aonde tinha uns vinte pés de café, pegado a uma horta. Dei com o cafezal carregado de frutos, e de café maduro, chamei meu xxx que é um português, que está aqui há mais de dois anos, para apanhar, ele quis quebrar a vara o depois eu mostrando como era, diz-me que era impossível.

Chamei uma escrava que catou com presteza, que ele ficou admirado, e é muito bom hortelano; veja como havemos de colher o café e de prepará-lo nas máquinas, nós que temos as nossas crias ensinado, já afeita a vários serviços de lavouras. Tenho perdido muitas crias, ainda não achei um xx. Havemos de ter muitos prejuízos, e talvez o resultado será nenhum.<sup>78</sup>

Maria Henriqueta Netto Carneiro Leão é uma personagem emblemática da geração que forjou o império brasileiro, como companheira e cúmplice de um homem atuante dessa construção, e leal aos valores e expectativas de ascensão de seu grupo familiar. Reconheceu-se em sua trajetória o atendimento aos ditames da sociedade patriarcal – o casamento arranjado, o dote, a aquisição de “terras e escravos”, a obtenção de títulos de nobreza, a instalação de uma chácara destacável, a atuação junto a irmandades e ações benemerentes e o zelo pelo futuro da descendência. Acompanhando o marido, ela conheceu o mundo da política e o da representação cortesã, das cerimônias reais e dos saraus elegantes.

Ela, contudo, é de natureza telúrica, porta-se com austeridade, não cultivando vaidades e ostentações, não se deixando envolver pelo consumo de produtos; como disse o

marido, ela “foi educada com o trabalho, parcimônia e economia, por isso que tem amor a seus filhos e deseja deixar-lhe uma fortuna”<sup>79</sup>.

Ao enviuvar, ela passou a integrar o grupo de mulheres enérgicas que conseguiram atuar com competência e autonomia nos seus negócios. Maria Henriqueta ficou à frente da administração da fazenda, zelando pelo *status* econômico e político alcançado pelo marido, e que davam identidade à família, enfrentando os desafios e, por vezes, a violência, do mundo rural e o declínio da cafeicultura no Vale, bem como gerindo com astúcia a venda do café e os negócios urbanos e de capitais.

Ainda que em uma primeira e rápida leitura, a correspondência permitiu conhecer as motivações, realizações e contrariedades da viúva, e apreender as nuances do cotidiano das elites oitocentistas<sup>80</sup>. Há muito a ser feito para se conhecer Maria Henriqueta, sem dúvida uma personagem invulgar de seu tempo, e a coleção a ser desvendada de sua correspondência é uma fonte preciosa para os estudos sobre o papel da mulher em meio à sociedade imperial.

## Nota

---

<sup>1</sup> O projeto é coordenado pelo Prof. Helder Carita, da Universidade Nova de Lisboa e, no Brasil, por mim, pesquisadora da FCRB, e por Ana Lúcia Vieira dos Santos (EAU/UFF), pela Fundação Casa de Rui Barbosa. A casa da fazenda mereceu estudo e registro do projeto e está disponível em [www.acasasenhorial.org](http://www.acasasenhorial.org).

<sup>2</sup> CAMPBELL, Colin. *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001, p. 317-318.

<sup>3</sup> Equivalentes a 2.420 hectares. “Discurso autobiográfico, pronunciado no Senado, pelo então visconde de Paraná, presidente do Conselho, na sessão de 31 de julho de 1854”. *RIHGB*, 1957, p. 279.

<sup>4</sup>TAUNAY, 1938, p.72, apud *Inventário das fazendas do Vale do Paraíba fluminense- Fazenda Lordello*.

<sup>5</sup> “D. Maria Henriqueta Netto Carneiro Leão, viscondessa e marquesa de Paraná (1809-1887)”. Manuscrito, s/d, s/a. IHGB, Coleção Leão Teixeira Fo. Lata 747, pasta 15.

<sup>6</sup> IHGB. Coleção Leão Teixeira Fo: lata 747 pastas 15 a 43 (Marquesa do Paraná); lata 748, pasta 19 e 20 (Honório Carneiro Leão); lata 751 2, 17 a 22 (Dr. Henrique Carneiro Leão).

<sup>7</sup> MAWE, John. *Travels in the interior of Brazil particularly in the gold and diamonds districts of that country....* London: Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown Paternoster Row, 1812.

<sup>8</sup>“A raposa da chapada - genealogia paracatuense. Velhos troncos paracatuenses: Carneiro Leão”. Disponível em: <[https://araposadachapada.blogspot.com/2008/01/velhos-troncos-paracatuenses\\_29.html](https://araposadachapada.blogspot.com/2008/01/velhos-troncos-paracatuenses_29.html)>. Acesso em: 20 fev. 2020.

<sup>9</sup> “D. Maria Henriqueta Netto Carneiro Leão, viscondessa e marquesa de Paraná (1809-1887)”. Manuscrito, s/d, s/a. IHGB, Coleção Leão Teixeira Fº. Lata 747, pasta 15.

<sup>10</sup> Jeronimo nasceu no Porto, filho de Bento José Teixeira e de D. Bernarda Gomes, e teria vindo ainda jovem para o Rio de Janeiro. Segundo artigo de seu descendente, sua trajetória – de uma “modesta oficina de caldeireiro, até os melhores dias proporcionados pela posição de capitalista e proprietário”, teria sido

resultado de sua “perseverança, honestidade e pertinaz amor ao trabalho” Ele não esclarece, contudo, qual teria sido o seu relacionamento com o pai da noiva, que o levou a ser escolhido para receber Ana Maria e o respectivo dote. TEIXEIRA-FILHO, Henrique Carneiro Leão. “Conselheiro de Estado e senador do império Jeronymo José Teixeira Junior, visconde do Cruzeiro: comemoração do seu centenário natalício”. *RIHGB*, vol. 164, 1933.

<sup>11</sup> “Discurso autobiográfico pronunciado no Senado, pelo então visconde de Paraná, presidente do Conselho, na sessão de 31 de julho de 1854”. *RIHGB*, 1957, vol. 236, p. 277.

<sup>12</sup> Nesse cargo, ele assina o decreto de 15 de janeiro de 1833, que define as seis comarcas – Ilha Grande, Resende, Cantagalo, Campos, S João de Itaboraí e Rio de Janeiro, da província, onde se instalarão os juizes de Direito.

<sup>13</sup> Durante o império, foram concedidos apenas 47 títulos de marques, sendo 27 ofertados por D. Pedro I e outros 20 por D. Pedro II, contra 800 baronatos, o que assinala a exclusividade do título. OLIVEIRA, Marina Garcia de. *Muitos barões para poucos marqueses: a política e as práticas de nobilitação do Segundo Reinado (1840-1899)*. Tese apresentada ao Departamento de História da FFLCH/USP. São Paulo: USP, 2018, p. 11.

<sup>14</sup> IHGB. Coleção Leão Teixeira Fº. Cartas Honório Hermeto Carneiro Leão a sua prima e esposa Maria Henriquetta Netto Carneiro Leão. Recife, 7/12/1849 e 9/04/1850, e Montevideú, 16/11/1851/ e 20/01/1852.

<sup>15</sup> O mesmo que cesto.

<sup>16</sup> IHGB. Coleção Leão Teixeira Fo: lata 748, pasta 19, (Honório Carneiro Leão). Recife, 7 de dezembro de 1849.

<sup>17</sup> IHGB. Coleção Leão Teixeira Fº: lata 748, pasta 20 (Honório Carneiro Leão). Montevideú, a 16 de novembro de 1851.

<sup>18</sup> IHGB. Coleção Leão Teixeira Fo: lata 748, pasta 20 (Honório Carneiro Leão). Montevideú, 20 de janeiro de 1852.

<sup>19</sup> “Discurso autobiográfico pronunciado no Senado, pelo então visconde de Paraná, presidente do Conselho, na sessão de 31 de julho de 1854”. *RIHGB*, 1957, vol. 236, p. 275-283.

<sup>20</sup> Idem, p. 280.

<sup>21</sup> Idem, p. 281.

<sup>22</sup> Sobre os interesses políticos e econômicos de Carneiro Leão, ver: PARRON, Tâmis; YOUSSEF, Alain El; ESTEFANES, Bruno Fabris. *Vale expandido: contrabando negreiro e a construção de uma dinâmica política nacional no Império do Brasil. Almanack* (online), nº 7, p.137-160, 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S223646332014000100137&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S223646332014000100137&lng=en&nrm=iso); <http://www.scielo.br/pdf/alm/n7/2236-4633-alm-07-00137.pdf>.

<sup>23</sup> Eles iriam adquirir outros prazos e aforar um para o filho Honório, “no qual foi edificada uma ampla e confortável morada, onde mais tarde funcionaram os Colégios Calógeras (1851-1859), Falleti (1859-1863) e Paixão (a partir de 1874)”. ALVES NETTO, Jeronymo Ferreira. *Brasileiros ilustres em Petrópolis - Honório Hermeto Carneiro Leão*. Disponível em: [http://www.ihp.org.br/26072015/lib\\_ihp/docs/jfan20030716.htm](http://www.ihp.org.br/26072015/lib_ihp/docs/jfan20030716.htm). Acesso em: 05 mai. 2020.

<sup>24</sup> “Discurso autobiográfico pronunciado no Senado, pelo então visconde de Paraná, presidente do Conselho, na sessão de 31 de julho de 1854”. *RIHGB*, 1957, vol. 236, p. 279.

<sup>25</sup> O empreendimento foi iniciado em 1835, conduzido pelo capitão Francisco Leite Ribeiro e por seu irmão, o coronel Custódio Ferreira Leite, barão de Aiuruoca, e concluído em 1841. OTTERO, Luiza. *Vila de Sapucaia: administração camarária, elites e poderes locais (1875-1888)*. Dissertação PPGH/ICH-UFJF, 2017, p. 22.

<sup>26</sup> Idem.

<sup>27</sup> ANRJ. Juízo de Órfãos e Ausentes. ZN. Inventário Marquês de Paraná, nº 3.001, cx.2.762, gal. A, 1856.

<sup>28</sup>Idem.

<sup>29</sup> ALCANTARA, Dora. *As fazendas do Vale do Paraíba. O começo de uma caminhada*, p. 422. Disponível em: [http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/sistema/wp-content/uploads/2009/11/26\\_dora-alcantara.pdf](http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/sistema/wp-content/uploads/2009/11/26_dora-alcantara.pdf). Acesso em: 10 set. 2019.

<sup>30</sup> A casa sede, ainda que tenha sido ornamentada e modernizada por seu herdeiro, se mantém como um testemunho das casas rurais do século XIX. Ver: <http://acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/casas-senhoriais/pesquisa-avancada-2/352-fazenda-lordello-2>.

<sup>31</sup> Honório relacionou em seu discurso, como prova de modéstia nos gastos domésticos e na representação, os seus diferentes endereços na Corte. Inicialmente, a família morou em casa alugada ao barão de Guaratiba; em 1832-1833, no tempo da Regência Trina, mudou para um prédio onde pagava 800\$, por ano; deixando o cargo, transferiu-se para outro, em Botafogo, pelo qual pagava 480\$. Daí passou para Matacavalos, onde se manteve até fins de 1841, pagando aluguel de 600\$ anuais. Naquele ano, tendo Honório sido nomeado presidente da Província do Rio de Janeiro, foi o casal morar no Palácio do Governo em Niterói, de onde retornariam em 1843. Já como ministro, morou na Praia do Flamengo nº 50, onde permaneceu até residir na casa da chácara adquirida. *RIHGB*, vol. 236, jul-set, 1957, p. 277.

<sup>32</sup> “Discurso autobiográfico pronunciado no Senado, pelo então visconde de Paraná, presidente do Conselho, na sessão de 31 de julho de 1854”. *RIHGB*, 1957, vol. 236, p. 280. Segundo o inventário dos bens do marquês, essa compra gerou as seguintes propriedades: “Uma morada de casa de sobrado com chácara sita no Caminho Novo de Botafogo; uma morada de casa térrea sita no dito Caminho Novo de Botafogo; um terreno cercado com quadril de ferro sito no Caminho Novo de Botafogo, uma morada de casa térrea com chácara no Caminho Velho de Botafogo, um terreno no Caminho Velho de Botafogo”. *ANRJ*. Juízo de Órfão e Ausentes. ZN. Inventário Marquês de Paraná, nº 3.001, cx.2.762, gal. A, 1856.

<sup>33</sup> Charles Expilly, jornalista francês que esteve no Brasil de 1852 a 1862, comenta os melhoramentos na R. Nova de Botafogo, cercada de elegantes “cottages”, que possibilitariam passeios para se ir admirar os belos jardins do Sr. visconde de Paraná, os canteiros deslumbrantes e a elegante gaiola de pássaros do sr. visconde de Abrantes. EXPILLY, Charles. *Le Brésil tel qu'il est*. Paris: Charles et Huillery, Libraires-Éditeurs, 1863, p.109. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=v2ACAAAAYAAJ&hl=pt-BR&pg=PP9#v=onepage&q=Carneiro&f=false>. Acesso em: 09 dez. 2019.

<sup>34</sup> Segundo transcrição do inventário do marquês, além do pátio para os coches, havia no térreo “oito quartos de serviços e escravos, saleta, despensa, estrebarias, lavanderia, bica d’água e pátio “D. Maria Henriqueta Netto Carneiro Leão, viscondessa e marquesa de Paraná (1809-1887)”. Manuscrito, s/d, s/a. IHGB, Coleção Leão Teixeira Fº. Lata 747, pasta 15.

<sup>35</sup> “D. Maria Henriqueta Netto Carneiro Leão, viscondessa e marquesa de Paraná (1809–1887)”. Manuscrito, s/d, s/a. IHGB, Coleção Leão Teixeira Fº. Lata 747, pasta 15.

<sup>36</sup> “Leilões M. S. Pinto”. *Diário do Rio de Janeiro*, 16 mar. 1874.

<sup>37</sup> A Travessa Marquês do Paraná teria como continuação, cruzando à R. Senador Vergueiro, a Travessa Barão de Icarai, aberta pelo genro da marquesa, onde um loteamento abriria as ruas que levariam os nomes dos filhos do barão, Honório de Barros e Januária.

<sup>38</sup> As filhas receberam, respectivamente, 34 contos de dote, e o filho, 36 contos, entre escravizados, objetos e dinheiro, sendo que, 30 contos deveriam ser debitados da legítima paterna, e o restante, da materna. *ANRJ*. Juízo de Órfão e Ausentes. ZN. Inventário Marquês de Paraná, nº 3.001, cx.2.762, gal. A, 1856.

<sup>39</sup> Sobre as relações de sociabilidades envolvidas nos casamentos, em especial com Maria Henriqueta e com Jerônimo José Teixeira Filho, ver: MARTINS, Maria Fernanda. “O círculo dos grandes. Um estudo sobre política, elite e redes no Segundo Reinado a partir da trajetória do visconde do Cruzeiro (1854-1889)”. *Locus, Revista de História*, Juiz de Fora, vol. 13, nº 1, 2007, p. 93-122.

<sup>40</sup> Na década de 1870, a marquesa do Paraná consta como proprietária na R. Marquês de Abrantes nºs 27, 29 e 31, na R. Senador Vergueiro nºs 44 e 46 e na Praia de Botafogo nº 34. CAVALCANTI, J. Curvello *Nova numeração dos prédios da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade, [1978?].

<sup>41</sup> Constantino Pereira de Barros possuía terrenos e um amplo sobrado no Fonseca, Niterói, que seria ocupado pelo Colégio Brasil, e, no Rio de Janeiro, possuía terrenos na R. Senador Vergueiro n<sup>os</sup>. 49 a 55 e na Praia do Flamengo, n<sup>os</sup> 76 a 96, tendo o irmão, barão da Fonseca, o n<sup>o</sup> 74, e o cunhado, Henrique, nas faldas do Morro da Viúva, assim chamado por ter pertencido à sua mãe, Januária Pereira de Barros. CAVALCANTI, J. Curvello. *Nova numeração dos prédios da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade, [1978?].

<sup>42</sup> O anúncio de leilão de edifício, por conta do espólio de Honório Henrique Carneiro Leão, descreveu-o como “de sólida construção, com vastas acomodações para família, com água, gás, tanques e mais servidões (...) construído solidamente com madeiramento de lei e muito bem dividido”. *Jornal do Comércio*, 13 jul. 1873.

<sup>43</sup> Filho da irmã de Maria Henriqueta, Ana Maria, e de Jeronimo Jose Teixeira.

<sup>44</sup> A antiga chácara do conselheiro Jerônimo José Teixeira Junior ocupava o Largo do Catete n<sup>o</sup> 3, a R. Marquês de Abrantes n<sup>os</sup> 1 a 5, e a R. Senador Vergueiro n<sup>o</sup> 1. O conselheiro possuía vários outros edifícios e terrenos, e teve a sua residência em ampla chácara na R. do Bispo.

<sup>45</sup> Zeferina era a oitava dos doze filhos de Francisco Marcondes Machado (1807-1872) e Maria dos Remédios Cornélio dos Santos ( – Porto Novo, 1898). Ela foi tia do pintor e escritor Cornélio Penna, que lhe dedicaria afetuosas referências.

<sup>46</sup> Henrique seria proprietário, além do palacete na R. Marquês de Abrantes n<sup>o</sup> 29A, de bens situados na R. Senador Vergueiro n<sup>os</sup> 46A, 46B e 46C, na Praia de Botafogo n<sup>os</sup> 30 e 36, e na Praia do Flamengo n<sup>o</sup> 98. CAVALCANTI, J. Curvello. *Nova numeração dos prédios da Cidade do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade, [1978?].

<sup>47</sup> Segundo Ferraz, “O retrato mortuário é uma aquarela de autor desconhecido, feita segundo Clément Bernard Louis Thérier. Porém, segundo Fernando Gouvêa, a litografia de Thérier foi baseada em uma fotografia feita por Revert Henrique Klumb (183?-1886)”. FERRAZ, Paula Ribeiro. *Retratos do marquês: a construção da memória de Honório Hermeto Carneiro Leão pela iconografia*. Disponível em: [http://www.dezenovevinte.net/obras/retratos\\_marques.htm](http://www.dezenovevinte.net/obras/retratos_marques.htm).

<sup>48</sup> *Jornal do Comércio*, 17 set. 1856.

<sup>49</sup> *Correio Mercantil*, 15 out. 1856.

<sup>50</sup> ALMANAK LAEMMERT: ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL (RJ) 1857, Imperial Irmandade Nossa Senhora de Glória do Outeiro, p. 370; Associação São Vicente de Paulo, 1862, p. 376; e Devoção de Nossa Senhora da Piedade da Igreja da Santa Cruz dos Militares, p. 369.

<sup>51</sup> *Diário de Pernambuco*, 14 dez. 1858.

<sup>52</sup> Segundo nota jornalística, Bauch teria, no fim de outubro de 1856, acabado de concluir o retrato do marquês, feito de memória, já que, em vida, havia obtido uma única sessão de cerca de uma hora com o retratado. *Diário do Rio de Janeiro*, 26 out. 1856. Não há como saber se o retrato teria sido encomendado pelo marquês ou oferecido pelo pintor, e teria havido contato anterior dos dois, em Recife, em 1849. Ainda que Leão Teixeira F<sup>o</sup> afirme, em sua nota biográfica, baseado em tradição familiar, que os dois quadros estariam no salão da casa do Flamengo a partir de 1846, me parece que o retrato da marquesa não teria realizado naquele ano, tendo em vista o impacto provocado pela súbita morte na vida da esposa. “D. Maria Henriqueta Netto Carneiro Leão, viscondessa e marquesa de Paraná (1809-1887)”. Manuscrito, s/d, s/a. IHGB, Coleção Leão Teixeira F<sup>o</sup>, lata 747, pasta 15.

<sup>53</sup> Pode-se supor que o “apreciável retrato de uma senhora que foi muito considerada nesta Corte pelas suas virtudes e amabilidade”, exposto por Bauch na R. do Ouvidor, fosse o quadro da marquesa. *Correio Mercantil*, 17 ago. 1858. Sobre os retratos dos marqueses de Paraná, ver: PINTO-JÚNIOR, Rafael Alves. “Um retrato (quase) íntimo da nobreza brasileira: Emil Bauch e a marquesa do Paraná”. *19&20*, Rio de Janeiro, vol. 3, n<sup>o</sup> 3, jul. 2008. Disponível em: [http://www.dezenovevinte.net/artistas/ebauch\\_rapi.htm](http://www.dezenovevinte.net/artistas/ebauch_rapi.htm); e FERRAZ, Paula Ribeiro. “Retratos do marquês: a construção da memória de Honório Hermeto Carneiro Leão

---

pela iconografia”. 19&20, Rio de Janeiro, vol. 7, nº 2, abr./jun. 2012. Disponível em: [http://www.dezenovevinte.net/obras/retratos\\_marques.htm](http://www.dezenovevinte.net/obras/retratos_marques.htm).

<sup>54</sup> Ela foi enterrada no dia seguinte, no dia 2 de dezembro, no Rio de Janeiro, “seguindo o préstito fúnebre da estação Central D. Pedro II para o cemitério S. João Batista”. *Jornal do Comércio*, 2 dez. 1887. A família, sendo ausentes Henrique e esposa e dos barões de Icarai, com a presença de Maria Henriqueta e marido, seguida de netos e amigos mandam publicar anuncio agradecendo a presença no enterro e convidando para missa de sétimo dia, no dia seguinte, na Igreja São Francisco de Paula. *Jornal do Comércio*, 6 dez. 1887.

<sup>55</sup> Não foi localizada a íntegra do documento, somente seu extrato comentado em: *Gazeta de Notícias*, 3 dez. 1887.

<sup>56</sup> Bacharel em Direito, jornalista, tendo sido diretor do *Jornal do Brasil* e de outras empresas. Foi deputado da Assembleia do Estado do Rio de Janeiro (1901-1904), secretário-geral do governo do Estado do Rio, na presidência de Nilo Peçanha. Teve dois matrimônios, o primeiro com Idalina Lamberti, com quem teve três filhos, Isa, Lina e Henrique Carneiro Leão Teixeira Junior; e com Julieta de Carvalho, de quem teve outros três filhos: Flavio, Marina e Silvio.

<sup>57</sup> *Gazeta de Notícias*, 3 dez. 1887.

<sup>58</sup> *Gazeta da Tarde*, 22 dez. 1888.

<sup>59</sup> Henrique Carneiro Leão Teixeira Filho (1896-1931), engenheiro, professor de História, membro do IHGB, e um dos fundadores do Instituto Histórico de Petrópolis, sendo seu primeiro presidente (1938-1946), contribui com vinte artigos para a *RHGB*. Por sua recomendação, seu arquivo foi doado pela viúva ao IHGB.

<sup>60</sup> IHGB. Coleção Leão Teixeira F<sup>o</sup>. Cartas Honório Hermeto Carneiro Leão a sua prima e esposa Maria Henriqueta Netto Carneiro Leão. Recife, 7/12/1849 e 9/04/1850, e Montevidéu, 16/11/1851/ e 20/01/1852.

<sup>61</sup> A correspondência tem lacunas cronológicas, como no caso das cartas entre a marquesa e o filho Henrique, no período de 1882 a 1887, o que permite supor que tenha havido dispersão de parte do conjunto, o que só poderá ser confirmado, contudo, após leitura sistemática da coleção. Os maiores subconjuntos abrangem a correspondência entre a marquesa e o filho Henrique, com cerca de 129 cartas, e com o genro Jeronimo José Teixeira Jr., com 90 cartas.

<sup>62</sup> TELLES, Augusto da Silva. “Vassouras (estudo sobre da construção residencial urbana)”. *RIPHAN* 16, p. 54.

<sup>63</sup> A caixa teria sido transmitida pela nora Zeferina ao seu sobrinho Cornélio Penna, e integra seu acervo na Fundação Casa de Rui Barbosa. Ele a descreveu em seu romance *Fronteira*.

<sup>64</sup> Não foram localizadas fotografias na coleção da família. IHGB. Coleção Leão Teixeira F<sup>o</sup>, lata 751, pasta 48. Carta da Marquesa do Pará a Henrique Carneiro Leão, s/d., 1873.

<sup>65</sup> IHGB. Coleção Leão Teixeira F<sup>o</sup>, lata 751, pasta 48. Carta da marquesa a Zeferina Carneiro Leão, 30 out. 1875.

<sup>66</sup> Idem. Carta da Marquesa do Paraná a Zeferina Carneiro Leão, 9 dez. 1879.

<sup>67</sup> Idem. Carta da marquesa do Paraná a Zeferina Carneiro Leão, 8 de fevereiro de 1880.

<sup>68</sup> IHGB. Coleção Leão Teixeira F<sup>o</sup>, lata 751, pasta 17. Carta de Henrique Carneiro Leão à marquesa de Paraná (108-2), s/1, 22 abril 1874.

<sup>69</sup> IHGB. Coleção Leão Teixeira F<sup>o</sup>, lata 751, pasta 48. Carta da Marquesa do Paraná à Zeferina Carneiro Leão, 9 dez. 1879.

<sup>70</sup> Jeronimo, 5 mar. 1881.

<sup>71</sup> IHGB. Coleção Leão Teixeira F<sup>o</sup>, lata 751, pasta 17. Carta de Henrique Carneiro Leão à marquesa de Paraná, (8-171) Paris, 4 de agosto de 1886.

---

<sup>72</sup> IHGB. Coleção Leão Teixeira F<sup>o</sup>, lata 751, pasta 48. Carta da marquesa do Paraná à Zeferina Carneiro Leão Zeferina, 8 fev. 1880.

<sup>73</sup> Idem. Carta da marquesa do Paraná à Zeferina Carneiro Leão Zeferina, 10 fev. 1882.

<sup>74</sup> Idem. Carta da Marquesa do Paraná à Zeferina Carneiro Leão.

<sup>75</sup> IHGB. Coleção Leão Teixeira F<sup>o</sup>, lata 747, pasta 21. Carta Marquesa de Paraná à Maria Henriqueta, 14 out. 1884.

<sup>76</sup> Segundo anúncio do fabricante de brunidores Bierrenbach & Irmãos, de Campinas. *Jornal do Comércio*, 25 set. 1877.

<sup>77</sup> “Permitiu-se a marquesa introduzir dez famílias de agricultores portugueses na fazenda de sua propriedade...”. *Jornal do Comércio*, 2 out. 1887.

<sup>78</sup> IHGB. Coleção Leão Teixeira F<sup>o</sup>, lata 747, pasta 21. Carta damarquesa de Paraná a Jeronimo José Teixeira, 22 set. 1884.

<sup>79</sup> “Discurso autobiográfico pronunciado no Senado, pelo então visconde de Paraná, presidente do Conselho, na sessão de 31 de julho de 1854”. *RIHGB*, 1957, vol. 236, p. 275-284.

<sup>80</sup> Como os estudos que veem sendo desenvolvidos por Miridan Britto Falcci, Mary del Priore, Mariana Mauze e Leila Alegrio, entre outros.